

POLÍTICA

Tucano fez desabafo na redação em que foi tema

A CRÍTICA
MANAUS - AM

Tudo o que fala e escreve é uma tradução do tucano falado em 90% do Alto Rio Negro



'Eu não esperava Nota Dez porque fiz um desabafo como qualquer um outro índio espoliado'

VIDE - VERSO

LUX JORNAL

1992

2

Orlando Farias

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (AM) — O estudante Leôncio Rodrigues Machado, de 21 anos, aprovado em primeiro lugar no concurso 92 da Universidade do Amazonas, conquistando a única nota máxima em Redação, é um índio que não sabe pensar em português. O pouco que escreve nessa língua, é uma tradução do tucano falado no Alto Rio Negro, na fronteira do Brasil com Colômbia e Venezuela, região do país onde o idioma português nunca deixou de ser minoritário.

Leôncio foi aprovado com uma média de 6,8 entre cerca de mil candidatos e sua prova "O Índio e seu Direito a Terra" mereceu até telegrama do presidente Fernando Collor reconhecendo o seu "brilhante resultado". Leôncio, entretanto, não foi o único índio aprovado no concurso. Na própria cidade de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, a 1.200 km de Manaus, 90% dos alunos aprovados no concurso para o curso de Filosofia vieram das aldeias espalhadas pelo Alto Rio Negro, onde habitam 26 diferentes etnias e pelo menos 22 mil índios, conforme dados da Funai.

Ao refazer a redação que lhe deu o único dez no vestibular 92 e notoriedade em todo o país, Leôncio Machado confessou que não esperava a nota pelo fato de ter feito "um simples desabafo como qualquer índio espoliado que vira tema da sua própria redação". No máximo, o tucano de 21 anos esperava tirar uma nota seis em função das dificuldades que julga ter até hoje com a Língua Portuguesa, idioma que foi obrigado a aprender aos 9 anos, quando o seu pai, o tuchaua Germano Machado se "autoexilou" na cidade de São Gabriel da Cachoeira.

"Os padres salesianos acabaram com a tradição da liderança baseada na hereditariedade e escolheram o seu próprio tuchaua. Meu pai, que pela tradução seria o tuchaua, achou aquilo uma intromissão e saiu com a gente da aldeia para a cidade. Meu pai queria educar os seus quatro filhos numa escola com professores de verdade e não na escola dos salesianos, onde o ensino não era mais do que um altar religioso. Acho que meu pai está conseguindo", diz Leôncio, lembrando que seu irmão mais velho, Amarildo Machado, é um dos líderes da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), a mais importante entidade dos índios brasileiros, com sede em Manaus. Seus dois outros irmãos menores cursam o segundo grau.

O controverso índio tuchaua Álvaro Sampaio — que já transitou na política candidatando-se a deputado federal em 82 pelo PT e em 90 pelo PRN — acusa os religiosos salesianos Antônio Escobar e Terezinha Araújo de serem os principais responsáveis pela invasão de "nossas festas para acabar com nossas cerimônias". Ele assegura que a partir de então, tanto a prática das cerimônias como qualquer tipo de organização foram terminantemente proibidas.

Por causa desse afastamento tribal, Leôncio Machado se considera um brasileiro muito diferente por se achar duplamente discriminado.

"Quando vou para Parí-Cachoeira, minha aldeia, sou deixado de lado por morar na cidade e ser visto como um branco. Do mesmo modo ocorre na cidade, onde sou discriminado por ter vindo do mato", lamenta. É impossível, no entanto, não identificar os traços da cultura indígena em Leôncio no momento em que ele começa a falar dos seus planos de casamento.

"Eu não posso casar com moças da minha tribo porque isso seria incesto. Quando algum tucano casa com uma moça tucana, o filho dele não cresce. Fica um anãozinho muito jatinho (pequeno)", decreta, lembrando que a única pessoa de sua tribo a casar com uma 'irmã' foi o agora seu colega de curso, José Lima. Depois de se casar com uma tucana, Lima caiu em desgraça entre a sua tribo e só depois de dez anos, conseguiu ser paulatinamente reabilitado.

Por enquanto, o aprovado em primeiro lugar no concurso da Universidade do Amazonas pretende apenas melhorar a vida de seu pai que sustenta a família trabalhando como carpinteiro no 5º Batalhão Especial de Fronteira, sediado na cidade. Leôncio parece pouco confortável ao falar nesse assunto por considerar a estrutura das Forças Armadas ainda pouco democrática em relação aos índios. Ele diz que 90% dos 650 soldados desse pelotão do Rio Negro são índios que jamais conseguem passar do posto de cabos ou sargentos. O argumento de Machado foi combatido na própria cidade pelo comandante militar do Rio Negro, coronel Francisco de Assis Abrão, que citou o marechal Cândido Mariano Rondon, o "Pacificador dos Índios", como prova da inexistência de discriminação aos indígenas. Leôncio reclama ainda do Projeto Calha Norte que teria militarizado a região, gerado alguns empregos mas sem destinar verbas para a educação. "Por que não fazem um Calha Norte da Educação?", indaga.

Para tentar dar uma vida melhor aos seus pais (sua mãe estava no dia da entrevista), Leôncio está tentando agora aprovação no concurso do Banco do Brasil, que tem salário inicial previsto de Cr\$ 700 mil. Ano passado, Leôncio já tinha demonstrado toda sua competência em concurso público ao vencer em primeiro lugar o do IBGE, tornando-se o coordenador do Censo 91.

O maior sonho de Leôncio Machado está ainda longe de ocorrer mas pode estar sendo pavimentado nas aulas de Filosofia que vem tomando com os professores Ademir Ramos e Paulo Monte, da Universidade do Amazonas. Ele quer se formar e fazer um novo concurso, desta vez para se tornar professor universitário de Filosofia, a fim de "ajudar o povo do Alto Rio Negro a defender seus direitos". Contestando as críticas contra a implantação da "Universidade para os Índios" no Alto Rio Negro, Leôncio raciocina que de nada adiantaria implantar um curso "assistencialista", segundo interpreta. Na sua visão, os índios de São Gabriel da Cachoeira e de toda a redondeza precisam mesmo é de "idéias na cabeça para recuperar as nossas terras, nossas riquezas e cultura que nos vem sendo progressivamente usurpadas".

TELEGRAMA DE COLLOR

00921-010505-D-NKGO
09813 2 AMSB
2100 31RNTX BR
01/1992
RUFQ004 2001 1791 SGTW/DF (ROL)
BRASILIA/DF

TELEGRAMA
PRES REP 006613 2017200/GFF TURANO
LEONCIO GERMANO CALDAS MACHADO RUA ROBOLO
GONCALVES, N° 290 - BARRIO FORTALEZA
SAGABRIELDACAICHOEIRA/AM
69750

NR100/CH/GM/20JAN92 - SINCEROS CUMPRIMENTOS PLUC BRILHANTE
RESULTADO ALCANÇADO NO VESTIBULAR DO AMAZONAS/92. O LULU BEM
DEMONSTRA O SEU EMPENHO, FORÇA DE MANTER E DETERMINAÇÃO, PARASIN
(EXCLAMAÇÃO) LEONANDO RG. CSH. E FULSIREMIL NA REPUBLICA

TR. 2017200/GFF

REMETENTE
TEL1421
ASSINANTE TELEX

09813 2 AMSB

O telegrama enviado pelo Presidente Fernando Collor de Melo ao índio tucano Leôncio Machado, aprovado em primeiro lugar no concurso 92 da Universidade do Amazonas para o preenchimento de vagas em cursos especiais, foi criticado pelo professor do curso de Filosofia em São Gabriel da Cachoeira, Ademir Ramos. Ele vê na atitude do

Presidente uma boa dose de "exotismo" — quase uma reação de quem considerava o índio culturalmente incapaz. "Ele deve ter ficado estupefato com o desempenho do Leôncio Machado mas seu telegrama só contribuiu para conferir aos índios brasileiros uma imagem exótica que os persegue ao longo desses séculos de colonização branca".

REDAÇÃO NOTA DE APROVAÇÃO

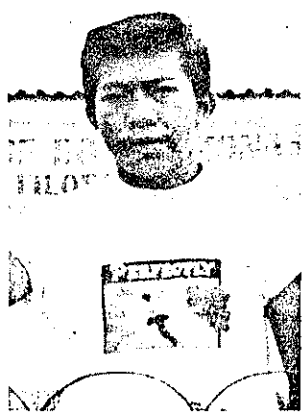
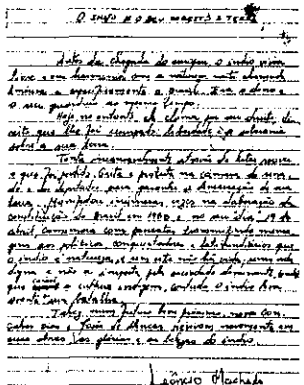
Antes da chegada do europeu, o índio vivia livre e em harmonia com a natureza nesta chamada América e especialmente o Brasil. Era o dono e o seu guardião ao mesmo tempo.

Hoje, no entanto, ele clama por seu direito; direito que lhe foi usurpado: liberdade e a soberania sobre a sua terra.

Tenta incansavelmente através de lutas reaver o que foi perdido. Grita e protesta na Câmara dos Deputados e Senado para garantir a demarcação de sua terra. Manifestou inúmeras vezes na elaboração da Constituição do Brasil em 1988 e no seu dia "19 de abril", comemora com passeatas transmitindo mensagens aos políticos, conquistadores e latifundiários que o índio é natureza, e sem esta não há vida; uma vida digna e não a imposta pela sociedade dominante, que corrói a cultura indígena, contudo, o índio leva avante a sua batalha.

Talvez num futuro bem próximo, novos Gonçalves Dias e José de Alencar revivam novamente em suas obras, com as glórias e as belezas do índio.

Leôncio Machado



'O índio precisa mesmo é de idéias na cabeça para recuperar suas terras, riquezas e cultura'

'Eu não posso casar com minhas irmãs tucanas porque nossos filhos não cresceriam'

